

A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORGANIZAÇÃO, SEGURANÇA E APRENDIZAGEM

Marina Schaefer¹¹
Stefani Cristine Sohn¹
Fabiana Raquel Mühl²
Kurlan Frey²
Alexandra Franchini Raffaelli²

RESUMO

O texto discute a importância da rotina, da organização dos espaços e da supervisão educacional na Educação Infantil. A partir das contribuições de autoras como Ostetto, Barbosa, Horn e Ferreira, evidencia-se que a rotina não é apenas uma sequência de atividades, mas um instrumento pedagógico essencial para a formação docente e para o desenvolvimento integral da criança. A rotina oferece previsibilidade, segurança emocional e autonomia, além de constituir-se como espaço de aprendizagem tanto para crianças quanto para professores. Ostetto destaca que os saberes docentes são construídos na prática cotidiana; Barbosa ressalta que a rotina envolve disputas, negociações e decisões pedagógicas que devem respeitar o protagonismo infantil; Horn aponta que os espaços educativos funcionam como um “terceiro educador”, estimulando experiências sensoriais significativas; e Ferreira enfatiza que a supervisão educacional é fundamental para garantir qualidade, reflexão coletiva e alinhamento das práticas ao projeto pedagógico. O texto reforça ainda que a rotina deve ser flexível, sensível às necessidades das crianças e articulada à formação contínua dos professores. Conclui-se que a qualidade da Educação Infantil depende da integração entre planejamento intencional, ambientes bem organizados e relações pedagógicas humanizadas, que valorizem o brincar, a escuta, a autonomia e o cotidiano escolar como espaço formativo.

Palavras-chave: educação infantil; rotina; formação docente.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil brasileira tem sido profundamente influenciada por autoras que dedicaram suas trajetórias à compreensão da infância, da organização dos espaços educativos e da qualidade das práticas pedagógicas. Entre elas, destacam-se Barbosa (2010) e Horn (2004), cujas contribuições se complementam ao abordar, respectivamente, a importância das rotinas, do

¹ Estudantes do Curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: schaefer.marina2@gmail.com, Sohn471@gmail.com.

² Docentes do curso de Pedagogia. E-mail: pedagogia@uceff.edu.br

cotidiano escolar e dos ambientes educativos no desenvolvimento integral da criança. Os autores evidenciam a rotina como instrumento pedagógico que oferece previsibilidade, autonomia e segurança emocional, enquanto Horn enfatiza que o espaço escolar comunica valores, estimula os sentidos e atua como um verdadeiro “terceiro educador”, capaz de influenciar comportamentos e experiências.

Essas reflexões dialogam diretamente com as discussões contemporâneas sobre supervisão educacional, como defendido por Ferreira (2007) e outros autores. A supervisão é entendida como uma prática política, ética e pedagógica, comprometida com a qualidade social da educação, com o fortalecimento do trabalho coletivo e com a construção de ambientes escolares democráticos, acolhedores e significativos. Nesse sentido, o supervisor não exerce apenas uma função técnica, mas atua como mediador, articulador e agente de transformação, contribuindo para que as práticas docentes se alinhem às necessidades das crianças e à proposta pedagógica da instituição.

Assim, ao reunir os estudos sobre cotidiano, espaço, rotina e supervisão, evidencia-se uma visão integrada de educação: aquela que reconhece a criança como sujeito ativo, valoriza as experiências sensoriais e afetivas, organiza tempos e espaços com intencionalidade pedagógica e fortalece processos coletivos de reflexão e ação. Essa abordagem amplia o entendimento sobre o papel da escola e dos profissionais da educação, mostrando que a qualidade educativa depende tanto da organização do ambiente e das rotinas quanto da atuação crítica e colaborativa dos educadores.

Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar como a rotina, a organização dos espaços e a supervisão educacional contribuem para a formação docente e para a qualidade das práticas pedagógicas na Educação Infantil.

2 POR AMOR E POR FORÇA: A ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO DE SABERES, FAZERES E FORMAÇÃO DOCENTE

A Educação Infantil é o primeiro espaço de inserção social e de aprendizagem formal da criança. Nesse contexto, o professor é mediador das experiências, e sua formação reflete diretamente na qualidade das práticas cotidianas. De acordo com Ostetto (2011), os 'saberes e fazeres' da formação docente envolvem tanto a dimensão teórica quanto a prática cotidiana, construídas no diálogo entre o conhecimento científico e as experiências vividas. Assim, a rotina é um componente essencial na constituição da identidade profissional docente, pois nela o educador aprende, reflete e ressignifica suas ações.

De acordo com estudos de Barbosa (2010) entende a rotina como um campo de disputas e negociações, onde se articulam as demandas institucionais, as necessidades das crianças e as concepções de infância dos adultos. Para a autora, as práticas pedagógicas precisam reconhecer o protagonismo infantil, valorizando a escuta e o tempo da criança. Por sua vez, Horn (2004) destaca que os espaços da Educação Infantil devem ser organizados de forma estética, afetiva e funcional, possibilitando múltiplas experiências sensoriais. Os 'sabores, cores, sons e aromas' contribuem para uma rotina significativa e prazerosa, favorecendo a curiosidade e o encantamento. Já Ferreira (2007) aponta que a supervisão educacional é essencial para garantir uma escola de qualidade. A autora enfatiza que o acompanhamento e a reflexão coletiva sobre o cotidiano são práticas que fortalecem o trabalho docente, ampliando a consciência sobre a importância da rotina como elemento formador.

Dessa forma, a rotina na Educação Infantil não se resume a uma sequência de atividades repetitivas, mas constitui-se como um espaço dinâmico, permeado por relações afetivas, culturais e pedagógicas. O professor, ao organizar o tempo e o espaço, cria condições para que as crianças aprendam a

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

conviver, a respeitar regras, a desenvolver autonomia e a expressar-se de diferentes formas. A rotina é, portanto, um instrumento pedagógico e formativo que revela o compromisso da escola com uma educação humanizada e reflexiva.

A compreensão da rotina como elemento estruturante da prática pedagógica é fundamental para pensar a qualidade da Educação Infantil. Quando analisamos as contribuições de Ostetto, Barbosa, Horn e Ferreira, percebemos que todas convergem para a ideia de que a rotina não é um simples “organizador do tempo”, mas sim um espaço pedagógico intencional, onde se revelam concepções de infância, práticas de cuidado e processos formativos do professor. É justamente no cotidiano, marcado pela repetição e pela imprevisibilidade, que a criança vivencia oportunidades de aprendizagem, interação e construção de identidade.

Nessa perspectiva, Ostetto (2011) enfatiza que os saberes docentes são construídos de modo processual e permanente. O professor aprende enquanto faz, observa, registra, avalia e replaneja. A rotina, portanto, é um território de formação contínua, no qual o educador se reconhece como sujeito reflexivo. Ao vivenciar diariamente situações que envolvem conflitos, descobertas e diferentes modos de ser criança, o docente aprimora sua sensibilidade educativa e sua capacidade de interpretar o cotidiano como fonte de conhecimento. Assim, os “saberes e fazeres” ultrapassam o campo técnico e alcançam dimensões afetivas, éticas e culturais da profissão.

Barbosa (2010), ao considerar a rotina como campo de disputas, revela a importância de compreender que ela não é neutra: envolve decisões pedagógicas, relações de poder, recursos institucionais e expectativas das famílias. A autora destaca que elaborar uma rotina humanizada exige do professor um olhar atento às infâncias reais e concretas, e não a uma infância idealizada. Isso implica valorizar a escuta sensível, respeitar diferentes ritmos, prever tempos de descanso, de movimento e de brincadeira livre. Ao organizar o cotidiano dessa forma, a escola rompe com práticas rígidas e abre espaço para a autonomia, a participação e o protagonismo infantil.

Essa visão dialoga diretamente com Horn (2004), que chama atenção para a importância dos espaços físicos como elementos curriculares. Para ela, a rotina se materializa no ambiente: nas texturas, nas cores, nos aromas, na disposição dos móveis e na acessibilidade dos materiais. Um ambiente bem planejado comunica à criança que ela pertence ao espaço e que pode movimentar-se com liberdade e segurança. Além disso, promove experiências sensoriais que potencializam a exploração e a curiosidade, elementos essenciais na primeira infância. Dessa forma, a rotina torna-se mais fluida e prazerosa, pois as crianças circulam, investigam e constroem sentidos a partir das múltiplas linguagens que os espaços oferecem.

A supervisão educacional, apontada por Ferreira (2007) como parte da qualidade institucional, contribui para que a rotina seja constantemente analisada e ressignificada. A autora ressalta que o acompanhamento da prática cotidiana, seja por meio de observações, reuniões coletivas, estudos teóricos ou formação continuada, fortalece o projeto pedagógico da escola. A reflexão conjunta sobre a organização do tempo e do espaço permite que a equipe compreenda as necessidades das crianças e repense práticas que, muitas vezes, foram naturalizadas. Esse processo colabora para que a rotina seja um instrumento de formação docente e de melhoria permanente das experiências educativas.

Além disso, ao considerarmos a rotina como experiência social, percebemos que ela favorece aprendizagens relacionadas à convivência, ao cuidado com o outro e à construção de vínculos afetivos. Situações como a roda de conversa, o momento do lanche, o acolhimento na chegada ou a organização dos materiais são oportunidades para desenvolver valores como respeito, responsabilidade, cooperação e empatia. Tudo isso permite que a criança se perceba como parte de uma comunidade, aprendendo progressivamente a tomar decisões, negociar, expressar-se e reconhecer emoções.

Outro aspecto importante é compreender que a rotina, embora organizada e intencional, precisa ser flexível. A criança pequena vive intensamente o

presente e suas necessidades podem variar ao longo do dia. Uma rotina engessada pode silenciar o brincar espontâneo, a imaginação e a potência criadora da infância. Por isso, um bom planejamento deve prever margens de adaptação, permitindo que o professor acolha imprevistos, siga o interesse das crianças e responda ao que emerge do grupo. Assim, a rotina torna-se viva e significativa.

Desse modo, pensar a rotina como componente pedagógico implica reconhecer que ela está diretamente relacionada à cultura escolar, às concepções de infância e à própria identidade docente. Cada escolha, desde o tempo destinado ao brincar até a forma como se organiza o momento de higiene, revela uma postura ética e educativa. Quando o professor compreende isso, ele passa a atuar de modo mais consciente, intencional e sensível, contribuindo para uma Educação Infantil que respeita a criança em sua totalidade.

Por fim, cabe destacar que a rotina não se limita ao interior da sala. Ela se articula com o projeto político-pedagógico (PPP), com a gestão escolar, com o diálogo com as famílias e com as políticas públicas. Uma escola que valoriza a rotina como espaço formativo investe na formação contínua de seus profissionais, reconhece a importância do brincar, promove ambientes acolhedores e estabelece práticas colaborativas entre os docentes. Dessa forma, cria condições para que as crianças vivam experiências culturais ricas, diversas e profundamente humanas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise integrada das contribuições de Barbosa, Horn, Ostetto e Ferreira evidencia que a qualidade na Educação Infantil resulta da articulação consciente entre rotina, espaço e supervisão educacional. Ao compreender a criança como sujeito ativo, capaz de interagir, explorar e construir sentidos sobre o mundo, reafirma-se a necessidade de práticas pedagógicas intencionais, sensíveis e coerentes com suas necessidades e potencialidades.

16º SEMIC

Seminário de Iniciação Científica de Pedagogia. Edição 2025
Centro Universitário FAI-UCEFF, Itapiranga, Santa Catarina.
ISSN 2359-554X

A rotina, quando planejada de forma flexível e significativa, torna-se um instrumento pedagógico que favorece autonomia, segurança emocional e participação. Os espaços educativos, por sua vez, constituem-se como ambientes acolhedores e esteticamente organizados, capazes de promover experiências sensoriais e expressivas que ampliam a aprendizagem e fortalecem vínculos afetivos. Já a supervisão educacional, entendida como prática ética, política e colaborativa, oferece suporte fundamental para o aprimoramento das ações docentes, incentivando a reflexão contínua, o diálogo e a construção coletiva de práticas mais democráticas e humanizadas.

Assim, conclui-se que a excelência na Educação Infantil não se limita ao cumprimento de propostas curriculares, mas emerge da interação entre planejamento consciente, ambientes significativos e relações pedagógicas fundamentadas no acolhimento, na escuta e no respeito à infância. É essa visão integrada que possibilita uma escola capaz de promover experiências ricas, formativas e sensíveis, reafirmando o compromisso com uma educação que valoriza o protagonismo infantil e reconhece a potência transformadora do cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (Org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.